

EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS CONTEMPORÂNEAS E INDIVIDUALIZAÇÃO¹

Oneide Bobsin²

Resumo: Há uma diversidade de manifestações religiosas contemporâneas que são perpassadas por uma compreensão antropológica centrada no empoderamento do indivíduo, que relativiza os laços sociais e fortalece o compromisso com o presente. Essa multiplicidade de experiências não se restringe aos fenômenos pós-pentecostais, como seguidamente se afirma. Elas encontram paralelos em literatura de autoajuda sem fundamento religioso. Consequentemente, o texto problematiza a caracterização de tais manifestações religiosas ou seculares como pós-modernas. Como são os seres humanos que determinam a vontade divina ou o seu destino a partir de si, estamos diante de um humanismo de autotranscendência.

Palavras-chave: Experiências religiosas. Religião do Eu. Modernidade.

Contemporary Religious Experiences and Individualization

Abstract: There is a diversity of religious manifestations which are permeated by an anthropological comprehension centered on the empowerment of the individual, which relativizes social ties and strengthens the commitment to the present. This multiplicity of experiences is not restricted to post-Pentecostal phenomena, as is repeatedly affirmed. They find parallels in self-help literature without any religious foundation. Consequently, the text problematizes the characterization of such religious or secular manifestations as post modern. As it is the human beings who determine the divine will or their destiny based on it, we are placed before a humanization of self-transcendence.

Keywords: Religious experiences. Religion of the I (Ego). Modernity.

Nota introdutória

Com este texto pretendo realçar um aspecto da religiosidade contemporânea que se manifesta como tema transversal em várias práticas religiosas e em discursos não religiosos que buscam potencializar a dimensão interior como fonte de superação da insuficiência das condições externas, as quais, na maioria das vezes, são lidas como insuficiência dos indivíduos. Esse Eu pode ser aperfeiçoado a partir de impulsos internos, como se as pessoas fossem “automóveis”. Arrisco-me a dizer que o *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo) está sendo atualizado por novas visões

¹ O artigo foi recebido em 13 de setembro de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 10 de outubro de 2011.

² Professor de Ciências da Religião na Escola Superior de Teologia-EST. obobsin@est.edu.br

religiosas, neo ou pós-pentecostais ou de outras origens – não como se Deus não existisse (*etsi Deus non daretur*)³, mas como uma divinização do Eu que se encurva em si, reforçando, dessa forma, a imanência e a fragilidades de laços sociais. Assim, determinadas experiências religiosas recebem contornos da individualização.

1. Autossalvação moderna

Não é preciso visitar um templo para observar os ritos e mensagens de igrejas e grupos religiosos. A televisão traz os mais variados cultos para dentro de nossas casas, assim como o fazem a internet e o rádio. Na TV, algumas novas igrejas maquiagem seus discursos ou práticas por estarem sob olhares os mais variados. Diferente é estar no local do culto, ao vivo e a cores, para se ter a dimensão do impacto na vida das pessoas que buscam a salvação dos dramas da vida: a busca de trabalho, de saúde, de relacionamentos estáveis na família, da libertação das drogas e de tantas outras dores.

O discurso, por exemplo, da bispa Cleo Ribeiro Rossafa, num programa de TV à meia-noite, reafirma o axioma humanista. Disse ela conhecer alguém que tem certeza da salvação, mas anda com um velho automóvel. Eu também tenho a certeza da salvação, mas ando com carro zero km. Ela crê que qualquer situação pode ser mudada; Jesus é a porta que se abre para quem tem fé, referindo-se ao Evangelho de João. Enquanto critica as religiões, especialmente a tradição católica apostólica romana, por incentivar o voto de pobreza para que a instituição se torne rica. Um depoimento de uma senhora confirma o discurso da bispa: “Entre na Campanha dos Projetos de Conquista, determinei o meu carro e o Senhor me honrou”⁴.

Contudo, não estamos diante de algo novo, pelo menos no que diz respeito ao conteúdo. As promessas e os discursos dos pregadores e das pregadoras não são novidades. Uma frase do final do século XV mostrou o vetor do humanismo moderno: “Nós podemos tornar-nos aquilo que queremos [...] o homem é todo-poderoso, se sua vontade for bastante forte. Pode criar-se a si próprio. Pode escolher ser corajoso, ilustre, rico, influente, ou não”⁵. Poderia ser essa frase de Pico della Mirandola, um pensador que desafiava o papa, mas por ele não foi recebido, o axioma da rocha humanista, conforme John Carrol, resgatado por Bauman, para quem a modernidade é sinônimo da ação sem Deus.⁶

Mas os pregadores da prosperidade que levantam a bandeira da “guerra espiritual” não estão sozinhos em nosso mundo contemporâneo. Alcançar a prosperidade financeira, o sucesso profissional e a superação das doenças, entre outras,

³ GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 5.

⁴ Site da Igreja Mundial de Cristo. Disponível em: <<http://www.mudancadevida.com.br>>. Acesso em: 4 set. 2011.

⁵ Pico della Mirandola apud CARROL, John. **Humanism: the wreck of westerns culture**. p. 2-3. BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 213.

⁶ BAUMAN, 1998, p. 211-215.

encontra a chave no próprio interior da pessoa. Em outro texto já havia comentado a respeito de pessoas que logram sucesso através do pensamento positivo.⁷ Assim, um paralelo entre pregadores/as que se autodenominam bispos/as, missionários/as, apóstolos/as e pastores/as de igrejas evangélicas midiáticas e Lauro Trevisan ou Lair Ribeiro é possível. Em seu livro “Pode quem pensa que pode”, Lauro Trevisan defende a ideia de que miséria, desemprego, doença etc., são estados mentais. Sua “ciência do sucesso” se resume no seguinte: “Todo pensamento acreditado acontece. Toda oração acreditada acontece. O milagre é a força divina imanente em você. Se esta força é imanente em você – você é o poder do milagre. Por causa do poder de Deus, que existe em você”⁸.

A libertação de todos os males, materiais e espirituais, baseia-se numa teologia do poder infinito da mente. Desta forma, ignorando os fatores culturais, econômicos e políticos, bem como os condicionamentos psicossociais, Trevisan atesta a inutilidade dos movimentos sociais, partidos políticos, políticas públicas e as instituições em geral como meios coletivos de afirmação da vida. Sem uma relação direta de causalidade, tal pensamento tem afinidade com um pensamento que defende o Estado mínimo. Se você pode tudo, você também poderá alcançar qualquer objetivo. É só mentalizar. “Ora, a presença de Deus numa pessoa confere-lhe a grandeza infinita. Aliás, a Bíblia diz: ‘Vós sois deuses’. Isso significa que vocês têm uma dimensão divina, por que Deus é em você.”⁹

Visão semelhante tem Lair Ribeiro, embora não se utilize da religião. À semelhança de Trevisan, ele também afirma que o sucesso está nas mãos das pessoas. O seu livro “O Sucesso não Ocorre por Acaso” traz orientações de como as pessoas poderão aumentar a sua capacidade mental para alcançar os seus objetivos na vida. Ao contestar a mentalidade fatalista, Lair Ribeiro parece nos colocar diante de uma “Teologia da Libertação” de cunho “mágico-individual”, que visa ativar a capacidade do cérebro. Fazendo um trocadilho teológico, a fé não se ativa no amor, mas no autoconhecimento.

Através do uso da mente, o ser humano é potencialmente capaz de mitigar ou transcender os acontecimentos predeterminados por forças cármicas ou astrológicas. É sempre possível, a qualquer pessoa, escolher como agir diante de qualquer coisa que acontece. [...] Se o livre arbítrio [sic] não nos possibilitasse essa transcendência, seria incoerente, seria uma sacanagem cósmica.¹⁰

⁷ BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou Estratégia de Sobrevivência. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 35, n. 1, p. 28-33, 1995.

⁸ TREVISAN, Lauro. **Pode quem pensa que pode**. Santa Maria/RS: Editora e Distribuidora da Mente, 1989. p. 29.

⁹ TREVISAN, 1989, p. 15.

¹⁰ RIBEIRO, Lair. **O sucesso não ocorre por acaso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1992. p. 73.

Os discursos dos pregadores da prosperidade, como os da Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Igreja Mundial do Poder de Deus, entre tantas outras, guardam alguma semelhança com o pensamento de Trevisan e Ribeiro. Em seus discursos nos templos ou na mídia, vi e ouvi várias vezes os pregadores anunciarem que as pessoas não podem contar com programas de governo no que tange à saúde e ao emprego. Partem do reconhecimento real da insuficiência das políticas públicas de saúde e de emprego. A experiência religiosa parece que é a última alternativa diante do sofrimento. A esse discurso é acoplada a percepção que faz olhar para dentro, já que das condições externas pouco se pode esperar. Uma pesquisa de Alexandre Fonseca sobre o hábito de leitura dos evangélicos do Rio de Janeiro confirma a força da Confissão Positiva no desenvolvimento de uma Nova Era Evangélica. Ele cita Sônia Hernandes, da Igreja Evangélica Renascer: “Na busca de estar de bem com a vida, ela fala sobre cura, prosperidade e salienta a importância de se viver uma religião do eu”¹¹.

Em seu livro “O poder sobrenatural da fé”, Edir Macedo ensina como obter bênçãos pela fé, após reconhecer que a maioria dos ricos no Brasil vive da miséria do pobre. “Desse modo, se o pobre não encontrar um caminho próprio, pelo qual possa subir na vida, independente de quem quer que seja, vai ser muito difícil para ele alcançar uma posição melhor na sociedade. E é justamente aí que entra a fé sobrenatural positiva e ativa.”¹²

Evidente que essa fé sobrenatural é intermediada pelo dinheiro na forma de dízimo. O dízimo e outras campanhas financeiras revelam que está, de certa forma, nas mãos dos fiéis a possibilidade de mobilizar a vontade divina em seu favor. Ao contrário das formas tradicionais de religião, tão fortemente questionadas por serem fatalistas, o discurso do sucesso vem de dentro, mas mediado pelo dízimo. A pessoa é o ponto de partida, e não Deus. Vejamos o que diz Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus: “Quando pagamos o dízimo a Deus, ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a sua Palavra, repreendendo espíritos devoradores que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social e em todos os setores da atividade humana, fazendo com que o homem sofra eternamente”¹³.

O empoderamento do Eu através da fé sobrenatural positiva apresentada por Edir Macedo tem as suas raízes na teologia de Kenneth E. Hagin. Para ele, “o espírito humano é a chave do sucesso em todas as áreas da vida”.¹⁴ Distinguindo-se da alma e do corpo, o espírito é quem deve ser obedecido. “Lembre-se, Deus fala ao

¹¹ FONSECA, Alexandre Brasil. Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião. In: **Numem**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 71, 2000. O texto menciona outros pregadores que aproximam a Confissão Positiva dos Neopentecostais, tais como: R. R. Soares, Valnice Milhomens etc.

¹² MACEDO, Edir. **O poder sobrenatural da fé**. Rio de Janeiro: Universal, 1993. p. 136.

¹³ MACEDO, Edir. **Vida com abundância**. Rio de Janeiro: Universal, 1992. p. 79.

¹⁴ HAGIN, Kenneth E. **O espírito humano**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990. capa 4.

nosso espírito: não fala à nossa cabeça nem às nossas faculdades de raciocínio.”¹⁵ Hagin afirma a plenitude do Espírito por sua interiorização no ser humano renovado. Um exemplo prático relaciona-se à consciência antecipada da morte de parentes: “Depois de eu receber a plenitude do Espírito há muitos anos, nenhuma morte tem ocorrido em minha família sem eu ter sabido a respeito de antemão – às vezes até dois anos antes”¹⁶.

A transformação do espiritismo kardecista em espiritualismo do estilo New Age também trilha o mesmo caminho analisado até aqui. Se Chico Xavier mais parecia um católico mineiro guiado pelo voto de pobreza, tendo dedicado a sua vida às pessoas pobres, nada retendo para si, numa abnegação total, já o médium Luiz Gasparetto busca um outro caminho, que se aproxima do discurso da prosperidade. Sugestivos são os subtítulos de um capítulo onde essa mudança é analisada por Sandra Jacqueline Stoll, em “Espiritismo à brasileira”¹⁷. O neoespiritismo flerta com o neoesoterismo, a autoajuda que renega a cultura da vítima. Destacamos essa mudança nas palavras de Gasparetto em seu livro “Faça dar certo”: “Nós, reencarnacionistas, acreditamos que nascemos várias vezes, entre outras razões para adquirir o controle da mente e não para pagar débito ou resgatar erros de outras vidas”¹⁸. Assim, caem por terra as dívidas de outras vidas. Não há mais carma nem predestinação, como nunca houve graça.

Após Gasparetto criticar o catolicismo por fazer das pessoas vítimas, coitadinhas, porque Deus tem o total domínio sobre a vida humana¹⁹; ele ainda propõe uma outra estratégia: o ser humano precisa tomar posse de si. Voltemos às suas palavras: “Pare de se guiar pelos outros [...]. Cada um tem a sua aventura. [...] Não espera nada de Deus, da vida. Todo o poder já te foi dado. Tudo já está dado, só não é cultivado [...]”²⁰. Na perspectiva da prosperidade, Stoll resgata uma frase que coloca esse médium ao lado de tantos outros que anunciam a prosperidade: “A vida dá chances iguais para todos. A diferença está nas crenças de cada um”²¹. Todas essas ideias têm afinidades com outras, das quais destaco a “prece de Gasparetto = Eu não tenho nada a ver com isto”²². Portanto, a afinidade entre a neoevangélica bispa Cléo R. Rossafa, acima mencionada, e Gasparetto é evidente.

¹⁵ HAGIN, 1990, p. 29.

¹⁶ HAGIN, 1990, p. 30.

¹⁷ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo; Curitiba: Orion, 2003. p. 243-265. Alguns subtítulos são bem sugestivos: A cultura da vítima, Tomar posse de si, Você é médium do Universo, A prosperidade.

¹⁸ Apud GASPARETTO, Luiz. **Faça dar Certo**. São Paulo: Vida e consciência, 2001. p. 48-51; 76-77. STOLL, 2003, p. 250-251.

¹⁹ Apud GASPARETTO, STOLL, 2003, p. 255.

²⁰ Apud GASPARETTO, STOLL, 2003, p. 259.

²¹ Apud GASPARETTO, STOLL, 2003, p. 262.

²² Site Pensador.info. Frases de Luiz Gasparetto. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frases_de_luiz_gasparetto>. Acesso em: 25 ago. 2011.

Podemos resumir o que foi dito até aqui sobre a individualização, religião do Eu e prosperidade com uma percepção sociológica de Durkheim, feita no final do século XIX, a qual antecipou a divinização do Eu. Assim, com as palavras que seguem, fazemos a passagem para algumas pistas interpretativas.

Pelas razões inversas, nas sociedades e nos meios em que a dignidade da pessoa humana é o fim último da conduta dos indivíduos em que o homem é um Deus para o homem, o indivíduo é facilmente levado a tomar por Deus o homem que está nele e a erigir-se a si próprio em objeto de culto. Quando a moral se esforça acima de tudo por incutir nele a ideia do seu grande valor bastam certos jogos de circunstâncias para que se torne incapaz de ver outra coisa que não seja a sua pessoa.²³

2. Pistas interpretativas

Dinheiro e espiritualidade

Nos discursos dos pregadores da prosperidade e da guerra espiritual há uma crítica, às vezes velada, outras vezes aberta, ao fato de que religião e dinheiro se encontram em polos opostos. Não podemos negar a existência dessa visão na história do cristianismo e das religiões. Sempre houve monges mendicantes no hinduísmo, no budismo e no cristianismo. Além disso, a mortificação do presente era condição para a salvação no além. No final do sermão do monte, por exemplo, o próprio Jesus disse ser impossível amar a dois senhores simultaneamente, a Deus e ao dinheiro (Mt 6.24). Se optarmos por um, rejeitamos o outro.

No entanto, não fazem parte das novas igrejas os discursos de que a riqueza leva à danação eterna e que a caridade permite acumular méritos para a outra vida no além. Não há mais necessidade de renunciar ao mundo. Conforme Paulo Heelas, o melhor dos dois mundos se encontra – espiritualidade e dinheiro.²⁴ Fazemos referência a esse pesquisador da Nova Era porque suas observações sociológicas a respeito desse fenômeno difuso encontram afinidades nos cultos neoevangélicos da prosperidade. Embora a Nova Era não se valha de exorcismos a fim de libertar as pessoas para o sucesso, o mecanismo parece o mesmo. “Assim, estas doutrinas da prosperidade podem ser localizadas em termos da trajetória central da história cultural do Eu no Ocidente: o desenvolvimento da ideia de que há algo interior, que pode ser explorado e aperfeiçoado, e, deste modo pode ajudar o indivíduo a atuar com maior sucesso no sentido de obter aquilo que o mundo tem a oferecer.”²⁵

Essa tendência de busca de sucesso encontra nas falas e nas práticas das igrejas pós-pentecostais, como IURD, Internacional da Graça, um viés específico

²³ DURKHEIM, Emile. **O suicídio**. Portugal: Presença; Brasil: MARTIN Fontes, [s.d.]. p. 434-435.

²⁴ HEELAS, Paul. A nova era no contexto cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro: ISER, v. 17, n. 1-2, p. 21, 1994.

²⁵ HEELAS, 1994, p. 22.

que não encontramos nos diversos movimentos da Nova Era. Ao afirmar que Jesus Cristo é Senhor, Edir Macedo e os outros com o mesmo discurso forjam discursivamente um inimigo externo que seja capaz de impedir a saúde, o sucesso financeiro, a felicidade conjugal etc. E o faz reconhecendo que o seu empreendimento religioso apresenta uma especificidade em relação às igrejas e aos movimentos oriundos da reforma protestante: “A Igreja atual tem que agir. Já vivemos o clima da pregação do protestantismo de Lutero, o da pregação avivalista com João Wesley e agora temos que sair da mera pregação pentecostal, que está na moda, para a plena pregação. Temos que sair por aí dizendo que Jesus Cristo batiza com o Espírito Santo, mas também, e antes de tudo, liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo e seus anjos”²⁶.

Encerramos este item com uma avaliação corroborada por Paul Heelas: “a tendência a conceber a religião como instrumento utilitário”²⁷ ancora-se na tradição da modernidade. Como podemos ver, o discurso pós-pentecostal, afim com a Nova Era, tem um traço moderno, que se caracteriza pela “exacerbação do eu”²⁸. É essa a tese que sustentamos até aqui, perseguindo a visão humanista aberta por Pico della Mirandola, conforme Bauman. De igual maneira, seguiremos com teóricos que sustentam a tese de Paul Heelas.

Sacrifício e dívida

Vamos fazer um desvio para facilitar a compreensão do que estamos querendo comunicar. Como todos os desvios, também esse nos afastará aparentemente do que vínhamos afirmando. O desvio, pois, consiste em buscar um exemplo na umbanda para voltar a falar a respeito do discurso de que o mal não é fruto do pecado, como nas tradições eclesiais. Reporto-me a uma personagem central do documentário “Santo Forte” ou “Morro de todos os Santos”²⁹, de Eduardo Coutinho. A personagem central é vovó Teresa, uma favelada de um morro carioca. Ela é cozinheira de uma família de classe média alta, que se identifica com o espiritismo kardecista. Ao não conseguir responder ao cineasta que a entrevistava sobre a felicidade, ela narra o seu drama de ter passado a vida em favelas. Vovó Teresa era praticante da umbanda. Mas os guias não a abandonaram. As pulseiras em seu braço referem-se a entidades que a protegem. Eu abandonei a umbanda, mas eles não me abandonaram, disse

²⁶ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias** – deus ou demônios. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1993. p. 131.

²⁷ HEELAS, 1994, p. 23.

²⁸ NERY, Maria Clara Ramos. **Religião no Brasil**. Diálogo entre o moderno e o pós-moderno a partir de estudos do espiritismo kardecista e do neopentecostalismo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Unisinos, São Leopoldo, 2011. p. 165. A autora faz um estudo comparativo entre kardecismo e neopentecostalismo, destacando a dimensão moderna do kardecismo. Transponho a sua análise do kardecismo ao neopentecostalismo.

²⁹ COUTINHO, Eduardo. **Santo forte**. Documentário, VHS. Brasil, 1999.

enfaticamente. O espírito de Vovó Cambina e de outras entidades desencarnadas protegem-na dos males, mas não da condição social.

Com desenvoltura, Teresa se pergunta pela sua condição social. Sempre vivi em favelas, casas ruins, mas sempre gostei de joias caras, coisas que não são para mim. Buscou resposta para as suas perguntas no centro espírita de sua patroa, onde soube que poderia ter sido uma rainha no Egito. Como as rainhas eram ruins, mandando bater, mandando matar, hoje estou com a *dívida*. E continua sua fala: temos várias vidas. Estou nesta situação por causa da dívida. Preste atenção, por causa da dívida!³⁰

Segundo Mary Ruth Esperandio, cuja tese trata do narcisismo e sacrifício no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, como uma das expressões da religiosidade contemporânea, o discurso de Edir Macedo afirma que não basta, para se chegar-se ao divino, o perdão da culpa, pela graça de Deus. Afirma ela:

Na forma de pensar de Macedo, as razões que separam o ser humano do divino apontam não para a ideia de culpa, mas, sim para a questão da dívida. O ser humano encontra-se em dívida com o divino porque houve uma dádiva da parte deste em favor da humanidade. A dádiva foi feita em forma de sacrifício. O sacrifício do próprio filho de Deus.³¹

Corroborando a ideia de sacrifício como um aspecto fundamental no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, Esperandio faz uma profunda reflexão sobre esse tema. Destacamos de sua análise alguns aspectos que elucidam esse tema como algo fundamental nas religiões e igrejas, pois estabelece um acordo de troca entre os fiéis e a divindade. Em outras palavras, o sacrifício tem um papel mediador, que pode ser traduzido para uma linguagem coloquial como toma lá, da cá, expressão que traduz o *do ut des*³², conforme Max Weber.

Quem se encontra em dívida com a divindade pode saldá-la por meio do sacrifício, aqui sinônimo de dízimo. O dinheiro sob forma de dízimo torna-se o produto ou o animal a ser ofertado. Feito o sacrifício, o mundo deixa de ser um caos; volta à ordem. Assim o mal é explicado um tanto fora das tradições das igrejas cristãs tradicionais. “A explicação para a existência do mal e as razões do sofrimento no mundo se articulam na oferta de uma única saída possível capaz de reverter a situação: uma aliança com Deus baseada nos sacrifícios.”³³ Ao contrário da ideia da graça redescoberta pelos reformadores do século XVI, entre eles Lutero e Calvino, que impossibilita qualquer ação do ser humano em relação a Deus nas

³⁰ COUTINHO, 1999. Depoimento de vovó Teresa.

³¹ ESPERANDIO, Mary Ruth Gomes. **Narcisismo e Sacrifício** – Modo de Subjetivação e Religiosidade Contemporânea. Tese (Doutorado) – PPG-EST, São Leopoldo, 2006. p. 139

³² WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Imprensa Oficial de São Paulo, 1999. p. 293.

³³ ESPERANDIO, 2006, p. 139.

questões últimas da fé, a proposta de sacrifício coloca em foco a necessidade de uma retribuição humana. Você pode ter muita fé, mas se não dizimar, suas bênçãos serão dizimadas.

Mesmo que nos últimos tempos tenho me afastado da linguagem das finanças e da economia capitalista para falar de fenômenos religiosos de nossa época, assim como fizeram Marx³⁴ e Pierre Bourdieu, em “O capital” e em “Economia das trocas simbólicas”³⁵, respectivamente, rendo-me por uma simples razão: nessas igrejas, as bênçãos têm prazo de validade e o fiel pode andar com um cartão de crédito divino na carteira. Esperandio comprova a suspeita para além de metáforas reducionistas da economia aplicadas à religião:

O “espírito” do capitalismo se torna ubíquo e a tudo se amalgama sem que dele nada se possa separar, incluindo também a relação com o divino. Noções tipicamente capitalistas, como: custo-benefício, investimento-retorno, poder e fascinação exercidos pelo dinheiro, são apenas alguns elementos presentes nas experiências religiosas que são oferecidas na Igreja Universal, conforme veremos, a seguir³⁶.

Oscar Wilde corrobora a análise acima ao dizer que há duas tragédias no mundo. “A primeira é não obter aquilo que se deseja, a segunda é obtê-lo. E esta última é a verdadeira tragédia”³⁷. E para se obter o que desejamos, precisamos do mediador geral entre pessoas e objetos, o dinheiro – o sangue derramado para que as relações entre as pessoas se efetivem, ou não. Moscovici afirma:

O drama dos tempos modernos decorre exatamente de os homens não poderem ter entre si nenhum laço de onde o dinheiro esteja ausente e que de uma forma ou de outra não seja encarnado por ele. Nem objeto entre objetos, nem simplesmente objeto, o dinheiro tende a se tornar uma padrão de medida e um símbolo das relações de troca e dos sacrifícios que consentimos por seu intermédio. A sua ação é uma metáfora gigante [...]³⁸.

Mas há um “inimigo” declarado pelas igrejas da prosperidade que impossibilitam fazer parte da comunhão promovida pelo dinheiro como mediador universal. A presença das entidades das religiões afro-brasileiras e da umbanda na vida e nos corpos de pessoas pode amarrá-las, como se a vida estivesse cheia de nós que precisam ser desatados. Se para algumas práticas religiosas os males são desfeitos

³⁴ MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo, DIFEL, 1982. v. 1, p. 88: O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer, quando as condições práticas das atividades cotidianas do homem representem, relações racionais claras entre os homens e entre estes e a natureza.

³⁵ BORDIEU, Pierre. Uma Interpretação da Teoria da Religião de Max Weber. In: BORDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1982. p. 87.

³⁶ ESPERANDIO, 2006, p. 144.

³⁷ WILDE apud MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 278.

³⁸ MOSCOVICI, 1990, p. 286-287.

amarrando ritualmente os espíritos maus, o desamarrar dos mesmos poderá trazer a desgraça de volta. A expressão “amarrar” vem do simbolismo dos “nós”, de tradição muito antiga na história das religiões.³⁹

Parece tudo muito ambíguo, mas a Igreja Universal e outras com as mesmas práticas e os mesmos discursos reconhecem o inimigo a ser combatido dentro de seus templos. Os espíritos ali se manifestam como nos terreiros. São nomeados pelo pastor, pois quem nomeia tem poder, o poder do Espírito Santo, que, no caso, não é o antípoda dos espíritos maus, mas somente mais poderoso do que eles. Por essa razão escrevi um texto cujo título é uma paráfrase de um título de uma obra de Renato Ortiz, denominada “A morte morena do feiteiro negro”. O “branqueamento” das religiões afro-brasileiras, sob a influência do espiritismo kardecista e da modernização, implicou a “morte” de fortes elementos dos cultos africanos. Utilizei-me de seu título para afirmar que a teologia da prosperidade acoplada à guerra espiritual produziu um “protestantismo à brasileira”, expresso no seguinte título: “A morte morena do protestantismo branco”⁴⁰.

A “guerra de possessões”, título de um texto do sociólogo Ronaldo Almeida, caracteriza bem melhor essa guerra promovida pela Igreja Universal e congêneres. Essa guerra pouco santa, traduzida por setores do mundo evangélico como Guerra Espiritual, não define com clareza os limites entre os campos de batalha, até porque passamos a nos parecer com nossos inimigos quando lutamos contra eles por muito tempo. Na vida nem sempre lutamos contra alguém ou alguma coisa por estar distante de nós, mas por estar muito próximo. Em muitos momentos de nossas vidas, somos antropofágicos: devoramos os inimigos para assumir as suas qualidades. Almeida, por outros caminhos teóricos, reconheceu no exorcismo neopentecostal um rito codificado como o ritual de possessão na umbanda. Utilizo-me de uma fala de um jovem que virou mula do tráfico de drogas quando poderia ter se tornado um crente. “Dei o passo certo no lado errado”. Segue a afirmação de Almeida:

Portanto, ao acreditar que está combatendo uma fé inimiga, a Igreja Universal, na realidade, criou uma cosmologia de seres malignos, povoando o seu inferno com as entidades. Logo, por um sincretismo às avessas, a Igreja Universal acabou produzindo sua Pomba-gira, seu Exu Tranca-Rua, sua Maria Padilha [...]. E, como consequência, a Igreja Universal combate aquilo que, em parte, incorporou.⁴¹

As igrejas protestantes históricas, como as luteranas, presbiterianas, batistas, entre outras, de origem norte-americana ou europeia, não flertaram com o sincre-

³⁹ ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolo**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 89-122.

⁴⁰ BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco. In: BOBSIN, Oneide. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo: PPL; CEBI; PPG, 2002. p. 39-63.

⁴¹ ALMEIDA, Ronaldo de. A guerra de possessões. In: ORO, Ari Pedro; CORTEM, André, DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 240.

tismo. Por essa razão permaneceram como corpos estranhos à realidade brasileira com seu colorido religioso. As diversas formas de catolicismo popular, com seus múltiplos santos e santas, souberam “negociar” com outras tradições religiosas submersas. Só pode ser “católico” quem consegue ser universal, isto é, inserir-se nas diversas realidades, absorvendo seiva delas, mas também as influenciando. Essa dinâmica está no cerne da Igreja Universal e das demais que se anunciam por meio da teologia da prosperidade. Ela pretende ser uma “igreja universal”, afirmando-se pela negação daquilo que se apropria da Igreja Católica Apostólica Romana, que também é universal. Desta forma, o pré-moderno, o moderno e o moderno coexistem.

Reino de Deus imanente

Aprendemos de Max Weber que as religiões se distinguem entre as que renunciam ao mundo e aquelas que a ele se adaptam. Podemos deduzir tal compreensão dos parágrafos 10 e 11 de sua “Sociologia da Religião”⁴². Seguindo, pois, essa possibilidade de interpretação a respeito do nosso mundo moderno ocidental dos últimos quatro ou cinco séculos, percebemos forças científicas, técnicas e filosóficas e também tendências teológicas que direcionaram o olhar do céu para a terra. Ao mesmo tempo em que a religião foi relegada ao espaço privado, ela também foi se sujeitando a compromissos com o mundo. Nas primeiras décadas do século XX, especialmente em espaços de pesquisa teológica protestante da Europa, muito se procurou falar de Deus sem usar a religião. Embora não fosse a intenção desses teólogos, a mundanização da religião avançou com esse esforço de atualizar a fé cristã para tempos modernos.

Em parte tais posturas responderam a críticas ao poder político da religião, especialmente do protestantismo e do catolicismo europeus, pelos seus compromissos com as forças conservadoras. Entre muitos pensadores que criticaram a religião por colocar flores sobre as correntes de opressão, podemos citar Ludwig Feuerbach e Karl Marx. Para Feuerbach, a religião era fruto da imaginação dos seres humanos, os quais projetavam numa divindade sua impotência.⁴³ Com essa visão a religião foi transformada num mero produto do ser humano impotente. A teologia foi reduzida à antropologia. O ser humano passou a ser medida de tudo. Marx seguiu Feuerbach⁴⁴, mas inverteu a questão.⁴⁵ Sim, o mundo fantástico do ser humano não surgiu de sua cabeça, mas da realidade de exploração em que este

⁴² WEBER, 1999, v. 1, p. 357-404.

⁴³ FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Campinas/SP: Papirus, 1988. p. 77.

⁴⁴ A crítica de Marx a Feuerbach reside no fato de que este diluía essência religiosa na essência humana, esquecendo que a essência humana não é algo abstrato inerente a cada indivíduo. MARX, Karl. Tesis sobre Feuerbach (1845). In: **Sobre la Religión** – Karl Marx-Friedrich Engels. Salamanca: Sígueme, 1979. p. 161.

⁴⁵ MARX, Karl. Contribución a la crítica de la filosofía del derecho de Hegel (1844). In: **Sobre la Religión** – Karl Marx- Friedrich Engels: Salamanca: Sígueme, 1979. p. 93.

ser humano vive. Somos o que somos não por causa da vontade da divindade, mas porque a realidade concreta de um mundo cheio de exploradores e explorados nos fez assim. Quanto mais os trabalhadores produzirem riqueza, e essa for apropriada pelos donos do capital e de outros meios de produção, tanto mais apostam em Deus, é a tese central dos “Manuscritos econômico-filosóficos”.⁴⁶ Há uma relação direta entre a condição de ser explorado e a crença em Deus enquanto um sol falso. Logo, a crítica feuerbachiana e marxiana aponta, entre tantas outras, para um reino imanente.

Mas tais pensadores não estavam sozinhos. Por exemplo, o positivismo francês, que, no Brasil, ajudou a proclamar a República e a colocar o lema *Ordem e Progresso* em nossa bandeira, também afirmou em sua origem que a religião seria superada.⁴⁷ O progresso sepultaria formas religiosas, criando um pensamento científico, altamente objetivo. Nas ciências sociais tal movimento foi chamado de positivismo. “Positivo” significa posto fora, isto é, entre o objeto ou fato observado não há interferência do observador. Em parte, tal movimento buscou um método que tentou isentar o pesquisador de suas influências subjetivas, entre as quais pode estar a religião, ou o estado teológico.

Assim, poderíamos elencar tantos outros exemplos que mostrariam como o mundo moderno se autofundou, via ciência e filosofia, numa explicação em si mesmo. Acima já fizemos referência à modernidade como ação sem Deus, conforme Bauman. Tal tese pode ser reforçada com um subtítulo de um texto que pergunta – Religião Pós-moderna? No referido texto, Bauman fala em transcendência deste mundo. Tal noção é precedida por uma arguta percepção de que os pós-modernos não procuram por religião, mas por especialistas na identidade. “Homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza dos homens e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam da reafirmação de que podem fazê-lo – e de um resumo a respeito de como fazê-lo.”⁴⁸ Em outras palavras, se o mundo moderno buscou o fundamento em si mesmo, fechando-se para a transcendência, o seu desdobramento chamado pós-moderno dispensou os pregadores que anunciavam renúncias no presente em favor de um futuro no além. Também não são mais necessários os que gritam contra os pecados e quem pede conversão como sinal de que um novo reino virá para transformar o presente. Seguindo o raciocínio de Bauman: “Obviamente, já não são as ‘organizações religiosas’, com sua mensagem de perpétua insuficiência do homem, que são mais bem adaptadas à ‘comunicação máxima a quem atinge o máximo’”⁴⁹.

Por esse viés poderemos avaliar as novas experiências religiosas sobre as quais estamos colocando o nosso olhar. Nem é preciso visitar uma dogmática cristã

⁴⁶ MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

⁴⁷ COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. A superação do estado teológico ou fictício do espírito humano se dá pelo estado científico ou positivo, tendo o estado metafísico como transição. In: COMTE, Auguste. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores). p. 4.

⁴⁸ BAUMAN, 1998, p. 222.

⁴⁹ BAUMAN, 1998, p. 224.

em seus capítulos finais, que falam das “últimas coisas”, do céu, do inferno, do juízo final e da vinda de um reino de paz e de justiça que não se exaure em experiências coletivas históricas, mas que deixa os seus sinais transformadores. Agora, os novos pregadores fazem dos sinais uma compensação que se limita ao presente vivido com se fosse uma experiência transcendente. Como já afirmou um intelectual francês, o que vale é conquistar o presente.

Se buscarmos na escatologia cristã o critério definidor do cristianismo⁵⁰ em suas múltiplas formas, deveríamos nos perguntar pelo silêncio a respeito das “últimas coisas” nas igrejas da prosperidade e dar razão a Bauman: o que vale é a transcendência deste mundo⁵¹ e o compromisso com ele. Mas seria injusto limitar tal crítica teológica às igrejas da prosperidade. Compromisso com o presente é uma característica de nossa época, que perpassa a política, movimentos sociais e amplos setores das igrejas e a maioria de governos ditos progressistas.

Nota conclusiva

A busca por cura, milagres, boas relações familiares não é novidade para o povo brasileiro. Faz parte das tradições indígenas, africanas, do catolicismo ibérico e de outras experiências religiosas. A busca por sucesso financeiro não é própria dessas novas experiências religiosas acima caracterizadas. Max Weber já havia dito, no início do século passado, que a fome por riqueza não seria algo específico de calvinistas. Estava presente “em todas as épocas de todos os países da Terra, onde quer que, de alguma forma, se apresentou, ou se apresenta, uma possibilidade objetiva para isso”⁵². Além disso, é só andar nos centros de nossas cidades para ver filas de pessoas diante das lotéricas. Dizem elas que estão fazendo uma “fezinha”. Também a ideia de colocar a divindade ou as forças empíricas a serviço de interesses práticos não é novidade para o pensamento mágico-religioso. Então, onde estaria a novidade? Talvez em capturar o “espírito” do nosso tempo e lhe dar um revestimento religioso híbrido a partir dos recursos tecnológicos da comunicação de massa, sob condução de líderes carismáticos – os homens de Deus. Não é gratuito que os personagens fortes ou modelos de sucesso vêm de uma leitura do Antigo

⁵⁰ Pela experiência da cruz e ressurreição, o “reino de Deus” não é só entendido cristologicamente, mas se torna escatológico de forma nova. As comunidades mais antigas não viviam, em razão das experiências da cruz e da Páscoa, no “tempo cumprido”, mas na expectativa do futuro. MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo: Herder, 1971. p. 259.

⁵¹ A promessa de nova experiência, capaz de esmagar, de espantar o espírito ou gelar a espinha, mas sempre animadora, é o ponto a ser realçado na venda de alimentos, bebidas, carros, cosméticos, óculos, pacotes de feriado. Cada um acena com a perspectiva de “viver a fundo” sensações nunca experimentadas antes e mais intensas do que qualquer antes provada. Parafrazeando Weber, “[...] o êxtase deste mundo”. BAUMAN, 1988, p. 224.

⁵² WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira; Brasília: Universidade de Brasília, 19981. p. 4.

Testamento. Para essas experiências religiosas, portanto, o Jesus crucificado é um fracasso, a ser negado ou reinterpretado na perspectiva do sacrifício, nos termos apresentados acima. Contudo, o estudo comparado de teologias é um novo capítulo.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo. As guerras das possessões. In: ORO, Ari Pedro; CORTEM, André, DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 321-342.
- BOBSIN, Oneide. Teologia da prosperidade ou estratégia de sobrevivência – estudo exploratório. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo: EST\IEPG, n. 1, ano 35, p. 21-38, 1995.
- _____. A morte morena do protestantismo branco. Contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas. In: _____. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo: PPL; CEBI; IEPG, 2002. p. 39-63.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.
- COUTINHO, Eduardo. **Santo forte**. Documentário, VHS. Brasil, 1999.
- COMTE, Auguste. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- GASPARETTO, Luiz. **Faça dar Certo**. São Paulo: Vida e consciência, 2001.
- D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro, 1996.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **Narcisismo e Sacrifício – modo de subjetivação e religiosidade contemporânea**. Tese (Doutorado) – PPG-EST, São Leopoldo, 2006.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Campinas/SP: Papirus, 1988.
- FONSECA, Alexandre Brasil. Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião. In: **NUMEN**, Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 3, n. 2, p. 63-90, 2000.
- GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- HEELAS, Paul. A nova era no contexto cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro: ISER, v. 17, n. 1-2, p. 16-33, 1994.
- _____. Posmodernism. In: HINNELLS, John R. **The routledge companion to study of religion**. London; New York: Routledge, 2005. p. 259-274.
- DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**. Portugal: Presença; Brasil: Martins Fontes, [s.d.].
- MARIANO, Ricardo. O reino de prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro; CORTEM, André, DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 237-258
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital – O Processo de Produção do Capital**. São Paulo: DIFEL, 1982. v. 1.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre la religión**. Salamanca: Sígueme, 1979.
- MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971.
- MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

NERY, Maria Clara Ramos. **Religião no Brasil**. Diálogo entre o moderno e o pós-moderno a partir de estudos do espiritismo kardecista e do neopentecostalismo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNISINOS, São Leopoldo, 2011.

RIBEIRO, Lair. **O sucesso não ocorre por acaso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1992.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Orion, 2003.

TREVISAN, Lauro. **Pode quem pensa que pode**. Santa Maria: Editora e Distribuidora da Mente, 1989.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira; Editora da Universidade de Brasília, 1981.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

Publicações neopentecostais e sites consultados

HAGIN, Kenneth E. **O espírito humano**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990.

MACEDO, Edir. **Vida com abundância**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1992.

_____. **Orixás, caboclos e guias** – deus ou demônios. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1993.

_____. **O poder sobrenatural da fé**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1995.

Site da Arca Universal. Disponível em: <<http://www.arcauniversal.com/>>.

Site da Igreja Mundial de Cristo. Disponível em: <<http://www.mudancadevida.com.br>>.

Site Pensador.info. Frases de Luiz Gasparetto. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frases_de_luiz_gasparetto>. Acesso em: 25 ago. 2011.